



BARREIROS COMO ATRATIVO DA FAUNA DE UNGULADOS NO PANTANAL MATO-GROSSENSE

M.E.A. Oliveira¹, I.P. Coelho², J.K.N.P. Farias¹ & L.F.B. Oliveira³

¹Universidade Federal Fluminense, Instituto de Geociências, PG Ciência Ambiental, Niterói, RJ. ²Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Ecologia, Porto Alegre, RS. ³Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

INTRODUÇÃO

Barreiros são áreas de depressões com pouca cobertura vegetal e solos úmidos visitados por muitos animais, onde consomem solo para suprir suas necessidades minerais (OLIVEIRA *et al.*, 2006). Na região pantaneira constituem áreas que acumulam águas das chuvas e encontram-se constantemente alagados durante a época da cheia. O consumo de solo, ou geofagia, é reconhecido para várias espécies de vertebrados em diversas regiões do mundo. Poucos estudos no Brasil têm sido conduzidos enfocando os barreiros naturais e a fauna de ungulados, considerando a sua composição química. O uso de barreiros como atrativo pode conduzir ao manejo da fauna silvestre através da construção de barreiros artificiais com compostos minerais essenciais que são utilizados geralmente para suplementar a alimentação da fauna nativa. Esta é uma prática que apresenta dois vértices pois, além de suprir as populações humanas em suas necessidades de subsistência, auxilia as populações de vertebrados na manutenção das condições favoráveis à sua sobrevivência tais como reprodução, lactação e crescimento corpóreo. Entretanto, essas exigências minerais são frequentemente negligenciadas no meio natural. A quantidade oferecida pelo ambiente nem sempre deve representar as reais necessidades da fauna.

As fontes de minerais para ungulados são largamente reconhecidas no mundo como um dos fatores que atuam na disposição espacial das espécies, e potencialmente podem ser utilizadas como mecanismo de manejo de populações de ungulados e como fonte de recursos para o desenvolvimento sustentado de regiões naturais do país.

A pesquisa visa o conhecimento sobre o uso dos barreiros pelas espécies de ungulados do Pantanal, gerando informações imprescindíveis para o desenvolvimento de planos de manejo que levem

em consideração componentes da paisagem e relações com a fauna.

MATERIAL E MÉTODOS

Oito barreiros (Acauã, Catraca, Clementino, Farofa, Figueira, Morcegos, Novateiro e Sal) foram analisados no interior da Reserva Particular do Patrimônio Natural SESC-Pantanal, em Barão de Melgaço/Poconé, MT, visando à caracterização química (Oliveira *et al.*, 2006) e relações com índices de uso por diversas espécies da fauna de ungulados do Pantanal.

A coleta de solo nos barreiros cobriu diferentes horizontes a cada 20cm, até 1m de profundidade. O procedimento consistiu na retirada de amostras com utilização de trado e, após secas à temperatura ambiente e desagregadas, foram passadas em malha de 2mm; uma fração foi utilizada para determinação da concentração total de Ca, Cl, Cu, Fe, K, Mg, Mn, Na, S, SO₄, e Zn, em laboratório.

O índice de uso foi estimado através de armadilhas fotográficas (DeerCam e Tigrinus) colocadas em pontos estratégicos, nas cercanias dos barreiros, programadas para registrar eventos a cada 5 minutos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os barreiros estudados apresentam dimensões variadas (entre 61,5m² a 1154, 9m² de área) e se localizam em regiões de florestas, embora a composição da paisagem de entorno seja variável.

Ao contrário do esperado, o cloreto de sódio não constitui elemento exclusivamente atrativo para as espécies, sugerindo que outros elementos são importantes na composição dos barreiros. Os resultados revelam diferentes elementos que

compõem o solo dos barreiros, diferenciando-os pela quantidade de determinados minerais presentes, fornecendo informações sobre o tipo de elemento consumido pelos ungulados. É provável que os barreiros sejam explorados de acordo com as necessidades fisiológicas de cada espécie.

Estudos sobre o uso de barreiros pela fauna de ungulados na Reserva (Coelho, 2006) registraram 37 espécies de vertebrados, destacando-se o queixada (*T. pecari*) e a anta (*Tapirus terrestris*) que corresponderam a 69,5% do uso total. O índice de uso apresentou variação quanto ao período de seca e cheia. Os horários preferenciais de uso dos barreiros pelos queixadas (*T. pecari*) são bem distribuídos ao longo do dia, sendo o caititu (*P. tajacu*) restrito a horários crepusculares. Os resultados sugerem que o tamanho dos barreiros é significativo para o uso e ocorrência das espécies de ungulados, pois denota a disponibilidade de minerais presentes, demonstrando ser um indicador de qualidade dos barreiros para a fauna. Uma correspondência entre os barreiros mais utilizados por queixadas e o tamanho de suas áreas pôde ser evidenciada.

O padrão de uso dos barreiros por queixadas e caititus se mostrou diferenciado indicando que as interações bióticas devem ser consideradas quando do uso do recurso, considerando uma ou outra espécie. Fatores isolados ou que estejam atuando de maneira sinérgica podem explicar a variação da intensidade de uso dos barreiros pela fauna. Os barreiros avaliados apresentaram uma composição química diferenciada, sendo esta um fator importante para espécies que praticam a geofagia em busca de uma suplementação mineral na dieta.

O estudo enfocando os barreiros, quanto à composição química e o índice de uso pela fauna do Pantanal, apresenta a perspectiva de um manejo sustentável dessa fauna através da criação desses sistemas, visando não somente as populações humanas, mas, principalmente, a preservação de um recurso natural como ungulados que utilizam os barreiros para sua sobrevivência na região pantaneira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Coelho, I.P. 2006. Relações entre barreiros e a fauna de vertebrados no nordeste do Pantanal, Brasil. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ecologia, UFRGS, Porto Alegre. 55pp.

Oliveira, M.E.A.; Oliveira, L.F.B.; Coelho, I.P. & Farias, J.K.N.P. 2006. Chemical characterization of soils from natural licks used by peccaries in the northeastern pantanal of Mato Grosso, Brazil. *Suiform Soudings* 6(2):16-18.

(Auxílio CNPq, CAPES, SESC-Pantanal)